



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

Edjane Joaquim de Santana

UM GRITO DE LIBERDADE: “NÃO ME CHAME DE MULATA”

GUARABIRA-PB
Outubro/2016

Edjane Joaquim de Santana

UM GRITO DE LIBERDADE: “NÃO ME CHAME DE MULATA”

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Estadual Da Paraíba para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^a Maria Suely da Costa

Guarabira-PB
Outubro/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S231g Santana, Edjane Joaquim de
Um grito de liberdade: [manuscrito] : "não me chame de mulata". / Edjane Joaquim de Santana. - 2016.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento
de Letras".

1.Negro. 2. Literatura. 3. Mulher. 4. Identidade. I. Título.
21. ed. CDD 305.4

Edjane Joaquim de Santana

UM GRITO DE LIBERDADE: "NÃO ME CHAME DE MULATA"

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Estadual Da Paraíba para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

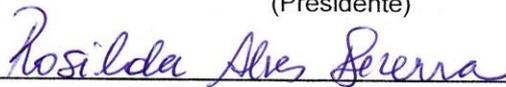
Aprovado em: 20 / 10 / 2016

BANCA EXAMINADORA



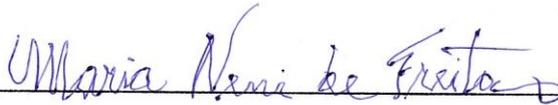
Prof. Dra. Maria Suely da Costa

(Presidente)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra

(1ª Examinadora)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas

(2ª Examinadora)

GUARABIRA-PB
Outubro/2016

UM GRITO DE LIBERDADE: “NÃO ME CHAME DE MULATA”

RESUMO

O presente trabalho traz uma leitura da representação do negro com foco na figura feminina presente no poema “*Não me chame de mulata*”, escrito pela cordelista Jarid Arraes. Tem-se por objetivo analisar como se dá esta representação no contexto da literatura popular em face da questão racial. Utilizaremos como base para leitura do próprio cordel, opiniões da autora, em *sites* e blogs, e também os referenciais teóricos de embasamento da questão: literatura, raça, identidade, a exemplo de Duarte (2009), Castro (2005), Skidmore (1989), Bernd (1988), entre outros. Ao fornecer elementos do contexto referencial histórico, sobre o negro na sociedade, a poesia de Jarid Arraes faz uso da linguagem como fenômeno precípua às rupturas com o processo de negação da subjetividade do negro.

Palavras-Chave: Negro. Literatura. Mulher. Identidade

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel, considerada uma tradição nordestina, tem se renovado ao longo dos anos e, diferentemente do que muitos pensam, ela não deixou de ter um cunho de tradição, mesmo com o advento das tecnologias, com suas formas diversas de comunicação e divulgação de ideias. O que se observa é o escritor de cordel fazendo uso desses novos meios, para alcançar horizontes infinitamente maiores, sem perder os elos com a cultura regional e o registro do texto em sua forma de folheto para fins de propagar sua arte. Um exemplo disso se dá com a autora contemporânea Jarid Arraes, que mostra como este tipo de arte pode ser significativa e atual, quando em seus textos, utiliza temas polêmicos para a sociedade, tais como: o aborto, o racismo, a homossexualidade, a violência contra as mulheres, dentre muitos outros.

Com o objetivo de disseminar a percepção, como a própria Jarid Arraes (2015) aponta ao afirmar que “tudo o que deseja fazer é um pouco de diferença na sociedade, ajudar a despertar questionamentos incômodos e auxiliar na conscientização de mais pessoas”¹, a sua poesia reporta-se à mulher concreta, que faz parte do universo cotidiano. Longe da ideia de princesa em reino encantado, a poesia de Jarid traz a figura feminina comum, um referente para assuntos importantes com a finalidade de incentivar a discussão desses temas.

Com a sua poesia, a autora, decide lutar para defender e representar as mulheres negras nessa batalha contra o racismo e o machismo, depois de vivenciar na própria pele, preconceitos. Além disso, defende a tese de expor a realidade triste e retrógrada da sexualização exacerbada imposta ao corpo da mulher negra brasileira, sempre explorada de maneira fútil e pejorativa em propagandas e meios de mídia, algo que a sociedade busca categorizar como normal, mas que deprecia a imagem da mulher, que passa a ser enxergada como objeto sexual. A respeito disso, afirma em entrevista dada à Cortêz (2015)²:

Quando começou a produzir os seus, Jarid não teve dúvida de que eles também seriam politizados. "Escrevo sobre o que me deixa engasgada", diz. Mulher, negra e nordestina, Jarid transforma suas vivências em versos rimados. "Os temas foram surgindo a partir da minha própria experiência, dos preconceitos e assédios que sofro diariamente e assisto o outro sofrer", revela.

Construir uma identidade positiva é um desafio enfrentado pelas mulheres negras em nosso país. É nessa direção que podemos inserir a poesia militante da Jarid Arraes. No presente trabalho, trataremos acerca do racismo centrado na figura da mulher negra, e em como esta se apresenta no poema selecionado como objeto de estudo: *Não me chame de mulata*.

¹ <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/cordelista-e-feminista-conheca-jarid-arraes-uma-voz-de-protesto-contra-a-opressao> > Acesso em 06/10/2016 às 16h30min.

² CORTÊZ, Natacha (2015): Contra opressão. Disponível em < <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/cordelista-e-feminista-conheca-jarid-arraes-uma-voz-de-protesto-contra-a-opressao>> Acesso em 02/09/2016 às 20h50min.

A CORDELISTA E SUA OBRA

A autora Jarid Arraes, Cearense natural de Juazeiro do Norte, com apenas 25 anos de idade, já deixa sua marca na contemporaneidade por representar de forma maestral a mulher negra em suas obras. Filha e neta de cordelistas, esta além de produzir uma literatura de cordel de maneira ousada e inovadora, do ponto de vista temático, ainda contribui para o enaltecimento dessa literatura, permitindo que se mantenha viva uma tradição que faz parte não só da cultura de sua família, mas também da cultura popular brasileira como um todo e em especial da região do Nordeste. Como citam Brasileiro e Silveira (2013, p.3):

Essa tradição literária oral representa um importante meio de resguardar a memória popular nordestina com a transformação de temas cotidianos em canções rimadas a serem divulgadas em feiras, como é comum em cidades da Região Nordeste, na Paraíba. A memória do cordel é um importante instrumento da identidade cultural nordestina que eleva a estima popular como parte da constituição de uma identidade nacional brasileira.

A produção literária de Jarid Arraes representa a classe da mulher negra com bastante propriedade. A própria autora também nos surpreende com sua história de superação. Toma a iniciativa de luta por um país melhor, livre de preconceitos, como ela mesma relata, sofre enorme carga de discriminação, pois, além de ser mulher, ela é também negra. Sobre isso afirma que "Os temas foram surgindo a partir da minha própria experiência, dos preconceitos e assédios que sofro diariamente e assisto o outro sofrer"³. É no cordel, que ela encontra sua forma de dar voz a argumentos contra o machismo e o racismo atuantes na sociedade.

A construção estética de uma representação tem sido alçada à literatura ao longo de sua história. Do ponto de vista da representação de uma identidade negra na literatura, observemos o que afirma Bernd (2003, p. 19-50) a esse respeito:

³ Cf. <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/cordelista-e-feminista-conheca-jarid-arraes-uma-voz-de-protesto-contra-a-opressao>. Acesso em 06/10/2016 às 20h50min.

A construção da identidade é indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura [...]. Que pratica uma ocultação sistemática do outro, ou uma representação inventada. No caso da Literatura Brasileira, o negro, atualmente, é, sem dúvida, o discurso literário, buscando a restauração da identidade, da reapropriação de territórios culturais perdidos.

A afirmação de Zilá Bernd motiva para que se pense sobre a importância de se desenvolverem leituras e estudos a respeito de obras que buscam um novo olhar a respeito de questões de raça e gênero. No caso da Jarid Arraes, identifica-se uma defesa da identidade positiva da mulher negra, uma vez que, esta deixa de ser uma pessoa sem possibilidades de agir para dar espaço a uma figura que não só conquista novos horizontes, mas também passa a escrever o seu renascimento.

A partir daí, ganha forma uma literatura que busca não somente uma reflexão para uma representação da sociedade frente à realidade da mulher negra feita por terceiros, mas sim um retrato autobiográfico. Conhecedora dessa realidade, a figura feminina deixa de ser apenas um objeto integrante do texto, e passa a ditar o mesmo, com propriedade autoral, de mulher negra e escritora, aspecto este assinalado por Cristina (2016)⁴, ao afirmar que:

Vozes femininas e negras, que vem por meio da arte literária desmascarando o racismo existente na sociedade brasileira, herança de mais de 400 anos de escravidão. Mulheres que desafiaram e ainda desafiam a ordem racista de seu tempo e expressam por meio da sua escrita a vida, a história e a realidade de nós mulheres negras dentro desse sistema exploração e opressão.

É muito interessante e libertador saber da possibilidade de ser a literatura, e em particular o folheto de cordel, um instrumento de representação e defesa de identidade de um povo ou classe. Jarid Arraes produz uma literatura, em cujos versos ficam evidentes as marcas de superação e coragem feminina como se pode observar nos cordéis sobre as heroínas negras do Brasil, tratando da coragem, inteligência e força de diversas mulheres negras, tomadas como escravas, mas que lutaram e se tornaram símbolo de resistência e heroísmo.

⁴ Cristina, Odete (2016): Vozes **negras e femininas na literatura**. Disponível em <<http://www.esquerdadiario.com.br/Vozes-negras-e-femininas-na-literatura>> Acesso em 04/ 10/ 2016 às 18h58min.

Sua produção em cordel já supera mais de quarenta títulos distribuídos em temas, a exemplo das lendas africanas, tais como *O macaco e o tambor*, lenda da Guiné Bissal sobre a história de como o tambor (instrumento musical) chegou aos humanos; ou ainda *O menino e o leão*, de origem Suazilândia, que traz a história de um menino que gostava de ajudar todos que precisavam, até o dia em que ajuda um leão preso em uma armadilha, dentre outras⁵.

Quanto aos temas voltados para questões raciais e gênero, abordando a problemática do aborto no Brasil e como sua clandestinidade causa milhares de mortes de mulheres todos os anos, assim também a Informação no combate ao machismo e a violência contra a mulher, ou ainda referências de luta e a necessidade de se construir movimentos feministas que priorizem também questões raciais. Outro tema se volta para questões em torno de representações LGBT com foco para a lesbofobia e o preconceito.

Dentre os cordéis valorizando a questão da negritude estão os títulos que pontuam questões raciais e de gênero, a exemplo do cordel objeto de estudo deste trabalho. A negritude se justifica nestes textos por utilizar da linguagem como fenômeno precípua às rupturas com o processo de negação da subjetividade do negro. Conforme aponta Frantz Fanon (2008, p. 33), enquanto um crítico do movimento da Negritude⁶, a importância da linguagem consiste nela “fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.”

NÃO ME CHAME DE MULATA

O cordel selecionado como objeto de estudo foi publicado em Janeiro de 2015, é composto por 28 estrofes, contendo 07 versos cada uma, totalizando, assim, 196 versos. Aborda o racismo, principalmente com relação à mulher negra e suas dificuldades em meio uma sociedade preconceituosa.

⁵ Cf. <https://jaridarraes.com/cordel/>> Acesso em 05/10/2016 às 17h50min.

⁶ Negritude (Négritude em francês) foi o nome dado a um movimento que agregou escritores negros francófonos e também uma ideologia de valorização da cultura negra em países africanos ou com populações afro-descendentes expressivas que foram vítimas da opressão colonialista. Como todo movimento reivindicador, o chamado “Negritude” foi marcado por uma literatura que, muito mais do que um movimento literário, foi um ato político, uma afirmação de independência, um clamor por reconhecimento (Cf. BERND,

De início, o cordel já chama a atenção para o título, “Não me chame de mulata”. Além de despertar a curiosidade pelo uso da imposição, já que está no imperativo, também transmite uma segurança tal que reflete numa defesa de identidade muito forte da mulher negra.

Neste cordel, faz-se um convite, ou se sugere ao leitor, a ida ao dicionário para identificar a palavra mulata. Fica exposta no cordel a indignação da autora frente ao termo e o seu significado, pois, o termo “mulata” ainda é utilizado por muitos para identificar alguém por sua cor:

Eu começo este cordel
Recorrendo ao dicionário
Pois o tal livro reflete
Um saber reacionário
Já que o significado
Do verbete ali mostrado
É antigo e ordinário

Tomarei como um exemplo
A palavra de mulata
Revelada a origem
Que me fez estupefata
Pois compara com jumento
Com racista entendimento
A gente miscigenada

O eu lírico adota uma postura de aversão com relação ao termo “Mulata”, devido ao tom pejorativo que foi atribuído ao significado deste verbete. Embora os significados de algumas palavras possam sofrer alterações ao longo do tempo, o sentido tomado é o da etimológica da palavra. Nas definições abaixo iremos conferir e entender melhor seu posicionamento. Segundo Rodrigues (2015)⁷

O português foi buscar diretamente no latim *mulus*, no século XV, a palavra “mulo”, ou seja, “animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento”. No século seguinte, por influência do espanhol, o termo “mulato” era usado para designar um mulo jovem, e foi certamente por analogia com o caráter mestiço do animal que a palavra passou – a partir de meados do século XVI, segundo o Houaiss – a ser aplicada também, como adjetivo e substantivo, a pessoas descendentes de brancos e negros.

⁷ Rodrigues, Sergio (2015): ‘Mulata’ veio de ‘mula’? Isso torna a palavra racista?. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/mulata-veio-de-mula-isso-torna-a-palavra-racista/>>. Acesso em 10/09/2016, às 14h50min.

Ou seja, conseqüentemente, um filho nascido de um branco com uma negra, ou vice-versa, era chamado pejorativa e propositalmente de mulato. Eis a questão que motiva a autora a criticar em todo o poema a utilização de tal nomenclatura. Ao não aceitar que a denomine assim, o eu lírico mostra sua indignação no decorrer das demais estrofes do cordel, não permitindo que desrespeitem a figura da mulata nem a de seus irmãos de cor, pois quando a chamam assim estão comparando não só ela como toda sua classe a esse animal, que só servia para transporte de carga e trabalhos pesados, além disso, tido como um animal impuro, devido ao cruzamento do qual nasce o animal chamado de “mulo”, - como descrito logo acima por Rodrigues (2015)- surgiu esta comparação à descendência negra por se originar da mistura de um branco com uma negra ou vice-versa.

É chamado de mulato
Aquele que é misturado
Um dos pais é de cor negra
Sendo o outro branqueado
Mas a miscigenação
No início da nação
Foi um mal desnaturado

Como já citado, os filhos de negros com brancos são chamados de mulatos. Essa mistura de raças ocasionalmente não era bem visto entre os escravos, uma vez que as relações a que eram submetidas às negras ocorriam de forma involuntária. No início da miscigenação, essas relações decorriam do ato do estupro, que ocorria entre o senhor da casa Grande e as escravas que mais se destacavam por sua beleza. A autora chama de 'mal desnaturado' esta forma brutal naturalizada como prática comum, prática esta extremamente violenta e contra vontade da mulher negra, como cita Soares (2008)⁸:

É importante lembrar que as negras no Brasil tiveram um tratamento diferenciado das mulheres brancas (...). Tratadas como objeto, eram estupradas pelos senhores de engenho, serviam apenas para lhes dar prazer, enquanto que, a procriação era serviço da mulher branca.

⁸ SOARES, Vera (2008): O verso e o reverso da construção da cidadania feminina, branca e negra, no Brasil. Disponível em < <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/802241>> Acesso em 22/09/2016 às 22h15min.

Para as mulheres negras que não eram vistas como escravas do trabalho, restava-lhes à condição da servidão sexual, igualmente exploratório, que existia sob a pretensão de elogio, porém atua muito mais com uma das formas mais perversas de racismo, pois está oculto e disfarçado. Segundo Castro (2005, p.11),

O racismo, o sexismo, o adultismo que temos em nós se manifesta de forma sutil, não é necessariamente intencional e percebido, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. E marca de forma indelével as vítimas, que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns, mais que os outros, como as mulheres, os negros, os mais jovens e os mais pobres.

Em contexto marcado pelo senso comum da crença na subalternidade das mulheres, cabe à mulher negra, além de lidar com esse preconceito, enfrentar constantemente o racismo. Na estrofe 5 do poema abaixo descrita, a autora narra a submissão e crueldade a que era imposta à mulher negra no tempo da escravatura. Segundo o pensamento de D' Oxum (2007)⁹ “a escrava era obrigada a ceder os desejos libidinosos de seu senhor para não se expor, com a recusa, a toda sorte de torturas”.

Nunca foi caso de amor
Como se pode alegar
Era caso de estupro
Que à negra ia abusar
O senhor da Casa Grande
Mui cruel e dominante
Pronto pra violentar.

Escolhidas para viverem no interior da casa grande, as mais belas negras realizavam as tarefas domésticas e satisfaziam os desejos sexuais dos seus Senhores, as quais eram severamente punidas caso se recusassem. Além de serem castigadas pelo homem branco, elas também, não raramente, eram castigadas pelas senhoras brancas, que se sentiam incomodadas ao verem que seus maridos se interessavam tanto pelas escravas, ou seja, se agradavam a um, sofriam punição do outro. Como cita D' Oxum (2007)¹⁰:

⁹ D' Oxum, Jorge (2007): A mulher escrava. Disponível em <<https://jorgedoxum5.wordpress.com/2007/06/11/a-mulher-escrava/>>. Acesso em 16/09/2016 às 23h25min.

¹⁰ D' Oxum, Jorge (2007): A mulher escrava. Disponível em <<https://jorgedoxum5.wordpress.com/2007/06/11/a-mulher-escrava/>>. Acesso em 16/09/2016 às 22h15min.

As negras mais bonitas eram escolhidas pelo senhô para serem concubinas e domésticas. Objeto dos desejos sexuais sádicos dos homens, do senhor de engenho ao menino adolescente, a negra sofria por parte da mulher branca os castigos mais variados. Se a beleza dos seus dentes incomodava a desdentada sinhá, esta mandava arrancá-los.

Baseada nisso, deduzimos que as mulheres negras, nada mais eram que objetos destinados ao vil prazer de seus senhores e entregues a sorte, sujeitas à crueldade de suas senhoras. Os abusos sofridos por elas não eram considerados como hoje de estupro, uma vez que não passavam de bens pessoais. De acordo com passos Passos (2014)¹¹,

A escravidão não havia a conceituação que temos hoje de estupro ou de violações, para o escravizador, os escravizados eram bens móveis sub-humanos, não possuíam direitos e eram considerados coisas, propriedades¹².

Além de todo o sofrimento de castigos violentos, trabalho pesado e forçado, estupros, entre outros, os escravos tiveram que lher dar com a teoria do branqueamento, que se resume em nada mais que extinguir a raça negra de determinada localização. Nas estrofes seis (6) e sete (7), citadas abaixo, Jarid Arraes faz menção a este processo.

E além dessa faceta
Existiu branqueamento
Como oficial medida
Para o tal clareamento
Com o fim de exterminar
De pra sempre eliminar
O negro do pensamento.

Essa torpe intenção
Que visava misturar
A cor negra e a branca
Até por fim conquistar
Um final clareamento
Jogando no esquecimento
A cor preta a incomoda

¹¹ Passos, Walter: Escravidão e reprodução: a mulher preta e o estupro. Disponível em <<http://cnnbca.blogspot.com.br/2014/06/escravidao-e-reproducao-mulher-preta-e.html/>>. Acesso em 19/08/2016 às 22h38min.

¹² Hoje o estupro no Brasil é considerado crime hediondo, com punição que pode variar de seis meses à trinta anos de reclusão, dependendo da idade da vítima, e se da conduta resulta morte, segundo o artigo 213 do Código Penal Brasileiro- Decreto Lei 2848/40.

Quanto ao processo de “branqueamento” narrado na estrofe acima, a autora acaba dando ênfase ao que se intitulou de a ideologia do branqueamento, no início do século XX, o que contribuiu para desenvolver no branco um complexo de superioridade e no negro, em oposição, um complexo de inferioridade. Denominado também como fusão de raças, dada inicialmente pela mestiçagem advinda do homem branco e mulher negra, acreditava-se que a população negra seria substituída, até ser extinta do Brasil. A respeito desse branqueamento, afirma Skidmore (1989, p.81).

(...) baseava-se na presunção da superioridade branca às vezes, pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’. Em princípio a população negra diminuiria progressivamente em relação à branca. Segundo a miscigenação, produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte, em parte devido as pessoas procurarem parceiros mais claras do que elas.

A teoria do branqueamento é fruto de uma ideia fixa e irredutível dos homens brancos, em que se autoafirmavam melhores que os negros, sejam em termos físicos ou culturais. Em nota introdutória sobre o pensamento de Gobineau a respeito do Brasil, ministro da França no Brasil e “conselheiro” de D. Pedro II, Silva (2006)¹³ observa, “Gobineau via o Brasil como um país ‘sem futuro’ devido a grande quantidade de pretos e miscigenados, defendia que o país precisava ‘branquear’ (se livrar dos negros)”. Pode-se concluir que o racismo nessa época era muito forte e influente, ao ponto de defenderem e discutirem uma forma de se livrar do negro no Brasil. Ainda sendo uma questão muito presente e polêmica, a poesia de Jarid, apresenta o racismo como uma prática recorrente, porém dentro de outra vertente, na condição de ser um crime:

É verdade que hoje em dia
No Brasil é proibido
O racismo já é crime
Mas não é nada escondido
Pois a imagem da mulata
Hoje ainda nos relata
Tal racismo aludido.

¹³ Silva, Juarez: **A política brasileira de branqueamento - uma visão jurídica**. Disponível em <<http://movimentoafro.amazonida.com/branqueamento.htm> > acesso em 20/09/2016 às 17h14min.

A criminalização foi um passo fundamental na luta contra o racismo, que entrou em vigor no ano de 1989, com a lei 7.716/89, encontrada na página 6059 Superior Tribunal de Justiça STJ de 30/09/2016. O crime para quem comete tal delito possui punição, podendo o réu cumprir uma pena que varia de 1 a 5 anos de reclusão, sofrer multa, que varia de acordo com a gravidade do ato, além de ser inafiançável. A sociedade conquistou esta grande arma para lutar e garantir que seus direitos sejam respeitados. Como afirma o Artigo 5, inc. XLII da Constituição Federal de 1988 “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”.

A discriminação do negro é tão comum e presente no cotidiano da sociedade brasileira, que alguns adjetivos foram banalizados, como por exemplo, “mulata”, “neguinho”, “negão”, entre outros. Chega a ocorrer de forma involuntária, pois algumas pessoas não se julgam racistas. No entanto, ao nascer uma criança negra, os parentes tendem a chamar de “meu nego”, “minha neguinha”, “meu pretinho”, etc. Enfim, com intenção de ofender ou não, as pessoas cometem este preconceito, seja com adultos ou crianças, homens ou mulheres, ele está presente, muitas vezes inconscientemente, no dia-a-dia das famílias de forma naturalizada.

É normal hoje ouvirmos relatos de famosos sendo insultados em redes sociais pela cor da pele, pelo cabelo crespo. Além de insultos, existe ainda a agressão física, geralmente ocorrida em colégios, estádios de futebol, boates, ou seja, ambientes públicos. Tais casos, quando envolvem celebridades, sempre alcançam muita repercussão. A grande questão é que esses ataques atingem diariamente a parcela marginalizada da sociedade, e estes não conseguem alcançar a atenção necessária das grandes mídias e grupos sociais, por não ocuparem posição de destaque na mesma. Enquanto isso, a prática ocorre livremente pelas ruas, sem punição ou castigo adequado. É esse viés que a poesia de Jarid Arraes contribui para a construção de uma reflexão e negação de tais práticas.

Apesar da lei 7.716/89¹⁴ e outras já criadas, as quais deveriam ser suficientes para dar um basta em toda a discriminação praticada, infelizmente a justiça, tem brechas, que tornam nossas leis muito mais frágeis, contribuindo dessa forma para o não cumprimento das mesmas. Desse modo, a discriminação racial é fato nos dias

¹⁴ **LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989.** Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.

atuais. Sobre isso o poema trata na 8ª estrofe, descrita anteriormente na página 13, e na 15ª estrofe citada a seguir:

Os racistas do passado
Inda vivem no presente
Têm um discurso furado
Ensinado para agente
De que negro não existe
E no termo vil insiste
Com postura insolente.

Exemplos de atitudes racistas ocorrem com muita frequência na vida dos negros e mestiços, como Jarid Arraes faz menção, “os racistas do passado inda vivem no presente”, o que mostra que o Brasil não abandonou as amarras escravocratas que impôs aos negros uma condição negativa. Sobre isso, registra Matos (2014)¹⁵ afirma que:

Mesmo com o fim da escravidão, o negro continuou sofrendo preconceito e não foi totalmente integrado à sociedade. Apesar de agora possuírem trabalhos assalariados, ainda recebem baixa remuneração. (...) O negro ainda se encontra em pior situação se comparado aos brancos. Isso significa que a situação ainda se reflete no presente.

A poesia de Jarid acaba por chamar a atenção para o fato de que o racismo não interfere apenas na vida profissional dos negros, esse ato quando unido ao machismo tem acarretado no surgimento de alguns estereótipos sobre o corpo da mulher negra, que insistem em se manter ativos na sociedade atual. Silveira (2016)¹⁶ retrata esta realidade ao dizer que como consequência do machismo, “historicamente, toda mulher é objetificada e tratada como mercadoria sexual, no entanto, a mulher negra tendo a dupla discriminação, o machismo e o racismo, é desumanizada e tratada como a carne mais barata do mercado”.

¹⁵ Matos, Denis (2014): **Passado e presente: o preconceito racial ainda existe**. Disponível em <https://www.cotemig.com.br/faculdade/textos-vencedores-concurso-redacao> Acesso em 07/10/2016 às 17h16min.

¹⁶Silveira, Aline (2016): **Nunca foi caso de amor: A hipersexualização dos nossos corpos**. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2016/01/28/nunca-foi-caso-de-amor-a-hiperssexualizacao-dos-nossos-corpos/>> Acesso em 06/10/2016 às 20h45min.

Não aceito essa carimbo
De “mulata” Globeleza
O meu corpo não é coisa
Pra racista nojenteza
Sei bem mais do que sambar
Pro machismo se acabar
Eu te passo essa certeza.

Na 22^a estrofe do cordel em questão, citada acima, observa-se a menção ao termo “mulata” Globeleza, inserido nas televisões brasileiras no período do carnaval, desde a década de 1990, em que a emissora apresenta uma afrodescendente parcialmente nua, com partes de seu corpo pintadas com purpurina e sambando ao som da música, tema do canal de televisão. Imagem que é transmitida, inclusive internacionalmente, acaba divulgando a ideia de que todas as negras são libertinas, uma vez que, tudo isto ocorre apenas na época carnavalesca, momento em que o profano aparece em maior evidência. Silveira (2016)¹⁷ assinala claramente ao afirmar:

No carnaval a objetificação das negras é naturalizada e personificada na “Globeleza”. É a imagem que é exportada para o mundo, reproduzindo a ideia de que mulheres negras são libertinas e sempre prontas para o sexo. É a preta tipo exportação, porém a preta exportação é aceita apenas no carnaval (festa do pecado, do profano) onde tudo é permitido. A cor do pecado não poderia ser outra se não a preta.

A representação da mulher negra, na condição de personagem do texto literário, tem tido lugar garantido na literatura brasileira. No entanto, o foco merecido a esta representação tem suas marcas estereotipadas tanto pela sensualidade quanto pela desrepressão (DUARTE, 2009). Conforme Santos (2014, p.61), deve-se ao “sistema escravocrata brasileiro, que fez com que os homens brancos vissem na relação sexual fonte de lucro, devido à procriação, e, além disso, concebessem a mulher negra/mulata como sua posse, tal qual as terras da colônia”. Essa condição dada à mulher negra tem muito do pensamento machista e escravocrata vigente no

¹⁷ Silveira, Aline (2016): **Nunca foi caso de amor: A hipersexualização dos nossos corpos**. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/2016/01/28/nunca-foi-caso-de-amor-a-hiperssexualizacao-dos-nossos-corpos/>>. Acesso em 06/10/2016 às 20h45min.

Brasil ao longo da história, cujos reflexos ainda persistem nos dias atuais. Um das configurações disso está na

condição de corpo disponível [que] vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da mulher fornicaria da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz (DUARTE, 2009,p.6).

No poema, “Não me chame de mulata”, o tom é de grito de indignação, de negação. O eu lírico mostra sua indignação ao comprovar que parte da sociedade não consegue enxergar nela algo além de um estereótipo machista, racista e sexista, quando na verdade o valor consiste em compreender os seres humanos tridimensionais, com gostos, personalidades e características individuais, não apenas meros objetos para prazer e divertimento. Como podemos observar nesta citação de Takashima (2016)¹⁸:

Além da cultura machista e da conjuntura histórica que coloca grande parcela da população negra em condições econômicas bem pouco favoráveis, a questão central do preconceito sofrido pelas mulheres negras é o cruzamento destes dois fatores. A soma entre o machismo e o racismo levam as mulheres negras a serem duplamente questionadas, por um lado por serem mulheres e carregarem muitos dos estereótipos femininos, por outro, por serem negras.

A respeito disso, observa Nascimento¹⁹ (2015) ”somos anuladas enquanto sujeitos ao passo que nossas pluralidades de vivências e capacidades são reduzidas a um corpo e a serviço do homem branco”, ou seja, as mulheres negras, dentro desta perspectiva, são reduzidas a uma visão de seres incapazes e inferiores aos demais.

¹⁸ TAKASHIMA, Aline et. al. (2016): Machismo + racismo: 52% das mulheres brasileiras enfrentam duplo preconceito no mercado de trabalho. Disponível em <<http://mdemulher.abril.com.br/carreira/claudia/machismo-racismo-52-das-mulheres-brasileiras-enfrentam-duplo-preconceito-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em 04/10/2016 às 20h45min.

¹⁹ Nascimento, Kassiele (2015): **Sobre hipersexualização dos nossos corpos**. Disponível em <<https://juntos.org.br/2015/02/sobre-hiperssexualizacao-dos-nossos-corpos/>> Acesso em 08/10/2016 às 20h30min.

Em contraposição a isso, no 5º verso da 22ª estrofe, já citada na página 15 do presente artigo, a voz do cordel afirma que esta sabe bem mais do que sambar, melhor dizendo, seu valor ou capacidade não se resume a imagem que a sociedade machista faz de seu corpo. Pois, “a beleza das pessoas está na diversidade”, como está descrito na 23ª estrofe do texto do poema:

A beleza das pessoas
Está na diversidade
É por isso que acredito
Com muita sinceridade
Que ser negra é alegria
Com destreza e ousadia
É minha prioridade

A tônica expressiva aqui vai na direção do reconhecimento de uma identidade positiva da mulher negra em contraposição ao dito, naturalizado em estereótipos que inferiorizam a mulher negra até mesmo em padrões de beleza, nos quais não são inseridas. Ou seja, as mulheres negras enfrentam além do preconceito, uma crise de autoaceitação da identidade muito grande. É o que se pode observar, na 20ª estrofe, ao se dar destaque à luta contra o racismo, momento em que se possibilita refletir sobre valores que vão muito além de conceitos preconcebidos. Pode-se dizer que se constrói a ideia de liberdade, na busca por respeito e por uma identidade negra positiva:

Mas a partir do momento
Que de tudo me toquei
Entendi o meu contexto
E enfim me empoderei
Tenho uma identidade
Forte essa integridade
Como negra me enxerguei

Essa minha identidade
Possui força exemplar
É firmada da coragem
De unir e conquistar
Resgatei minha raiz
E agora eu sou feliz
Pelo que posso contar.

O poema acaba por dar forma ao processo de reconhecimento da historicidade negra e sua autoaceitação. Encerra com o eu-lírico satisfeito por entender que na história do povo negro não há marcas que provoquem vergonha a si, ao contrário, orgulha-se da resistência de seu povo que continua de pé após uma trajetória de séculos de opressão, conhecido como escravidão, tendo ainda que lidar com os preconceitos da sociedade atual, sempre buscando uma igualdade entre raças, e sem negar suas origens ou a cor exposta em sua pele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os diversos pontos citados neste trabalho, podemos concluir que a literatura de cordel se configura como uma vertente extremamente versátil e produtiva da literatura brasileira. No cordel analisado é visível como a mulher negra, na condição de personagem do texto literário, tem seu espaço garantido na nossa literatura. Pode ser observada a trajetória de luta e força da sociedade negra, mostrando como esta superou as dificuldades, principalmente a mulher, que não só viveu, como vive em uma sociedade machista. Verificamos o quanto é muito negativo os valores preconceituosos atribuídos à imagem da mulher afrodescendente, inclusive o significado real do verbete “mulata”.

Historicamente a mulher negra tem enfrentado dificuldades reais em duas frentes: além de sofrer machismo por ser uma mulher, enfrenta o racismo por ser negra. Somado a isso, ainda é importante ressaltar a hipersexualização do corpo desta criada pela mídia publicitária e outros meios midiáticos. Isso se deve aos resquícios deixados pelo papel ocupado pela mulher negra no período da escravidão. Aspectos do mundo real que a literatura acaba tomando como motivo literário.

A poesia de Jarid Arraes expõe a respeito da mulher negra, suas lutas e sofrimentos, por meio de uma linguagem que indica que esta condição preconceituosa precisa ser combatida. E, assim, uma outra identidade pode ser construída, em detrimento ao que se tem naturalizado na figura da mulata. A negativa, posta no título do poema, é cobrada no decorrer deste com motivos e justificativas plausíveis, fruto de diversas conquistas que se devem à resistência e à insatisfação de mulheres negras, a exemplo da própria autora. Poetisa que faz uso de uma literatura militante, mostrando que, através da poesia popular, é possível despertar no outro, o leitor, uma reflexão sobre a questão em tema e quiçá o anseio por mudança. O que tende a possibilitar uma outra conscientização acerca de temas incômodos como este abordado no poema “Não me chame de mulata”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Jarid: Disponível em < <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/cordelista-e-feminista-conheca-jarid-arraes-uma-voz-de-protesto-contr-a-opressao> > Acesso em 06/10/2016 às 16h30min.

BRASIL. **Lei Federal 7.716/89**, alterada pela Lei Federal 9.459/97.

BRASILEIRO, Osmando J; SILVEIRA, Regina da Costa da: **Literatura e Oralidade no Cordel: Identidade e Memória Cultural Nordestina**. III Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís. Porto Alegre, 2013

CASTRO, Mary. *Gênero e raça: desafios à escola*. In: SANTANA, M. O. (Org.). **Lei 10 639/03 – educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental**. Pasta de Textos da Professora e do Professor. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 2005.

CORTÊZ, Natacha (2015): **Contra opressão**. Disponível em < <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/cordelista-e-feminista-conheca-jarid-arraes-uma-voz-de-protesto-contr-a-opressao>> Acesso em 02/09/2016.

CRISTINA, Odete (2016): **Vozes negras e femininas na literatura**. Disponível em <<http://www.esquerdadiario.com.br/Vozes-negras-e-femininas-na-literatura> > Acesso em 04/ 10/ 2016 às 18h58min.

CUNHA, Carolina (2014): Racismo: **Preconceito não é pagina virada no Brasil, país vive “falsa” democracia racial segundo ONU**. Disponível em <<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/racismo-preconceito-nao-e-pagina-virada-no-brasil-pais-vive-falsa-democracia-racial-segundo-onu.htm>> Acesso em 21/09/2016 às 21h40min.

CUSTÓDIO, Túlio (2015): **Você é racista- só não sabe disso ainda**. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/10/voce-e-racista-so-nao-sabe-disso-ainda.html> > Acesso em 06/10/2016 às 10h05min.

D' OXUM, Jorge (2007): **A mulher escrava**. Disponível em <<https://jorgedoxum5.wordpress.com/2007/06/11/a-mulher-escrava/>>. Acesso em 16/09/2016, às 23h25min.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. In: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054.

FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MATOS, Denis (2014): **Passado e presente: o preconceito racial ainda existe**. Disponível em <https://www.cotemig.com.br/faculdade/textos-vencedores-concurso-redacao> Acesso em 07/10/2016 às 17h16min.

NASCIMENTO, Kassiele (2015): **Sobre hipersexualização dos nossos corpos**. Disponível em < <https://juntos.org.br/2015/02/sobre-hiperssexualizacao-dos-nossos-corpos/> > Acesso em 08/10/2016 às 20h30min.

NERY, Bruno (2011): **Historia e origem do preconceito racial no Brasil**. Disponível em <<http://grupo6brunojuliana.blogspot.com.br/p/qual-origem-do-racismo.html>> Acesso em 04/10/2016 às 10h42min.

PASSOS, Walter: **Escravidão e reprodução: a mulher preta e o estupro**. Disponível em <<http://cnnbca.blogspot.com.br/2014/06/escravidao-e-reproducao-mulher-preta-e.html/>>. Acesso em 19/08/2016, às 22h38min.

RODRIGUES, Sergio (2015): **'Mulata' veio de 'mula'? Isso torna a palavra racista?**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/mulata-veio-de-mula-isso-torna-a-palavra-racista/>>. Acesso em 10/09/2016, às 14h50min

SANTOS, Maricélia Nunes dos. **Representações da mulata e do branco no conto *um especialista*, de Lima Barreto**. IN: Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 24 – julho a dezembro de 2014 – ISSN 1679-849X
<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>.

SILVA, Juarez: **A política brasileira de branqueamento - uma visão jurídica**. Disponível em <<http://movimentoafro.amazonida.com/branqueamento.htm> > acesso em 20/09/2016 as 17h14min.

SILVEIRA, Aline (2016): **Nunca foi caso de amor: A hipersexualização dos nossos corpos**. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2016/01/28/nunca-foi-caso-de-amor-a-hiperssexualizacao-dos-nossos-corpos/> > Acesso em 06/10/

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOARES, Vera (2008): **O verso e o reverso da construção da cidadania feminina, branca e negra, no Brasil**. Disponível em < <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/802241> > Acesso em 22/09/2016 às 22h15min.

TAKASHIMA, Aline et. al. (2016): **Machismo + racismo: 52% das mulheres brasileiras enfrentam duplo preconceito no mercado de trabalho**. Disponível em <<http://mdemulher.abril.com.br/carreira/claudia/machismo-racismo-52-das-mulheres-brasileiras-enfrentam-duplo-preconceito-no-mercado-de-trabalho> > Acesso em 04/10/2016 às 20h45min.